



BETAR BRASIL

OLEI HAGARDOM

ELABORAÇÃO: RAPHAEL HARARI

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	01
SHLOMO BEN YOSEF	04
ELIAHU BET-TZURI E ELIAHU CHAKIM.....	07
DOV GRUNER	10
ELIEZER KASHANI, MORDECHAI ALKACHI E YEHIEL DRESNER	16
MEIR FEINSTEIN E MOSHE BRAZANI	22
AVSHALOM HAVIV, MEIR NAKAR E YAAKOV WEISS.....	31
OS NOVOS OLEI HAGARDOM	42
CONCLUSÃO	53
BIBLIOGRAFIA	55

INTRODUÇÃO



TEL CHAI, BETARIM.

Muitos talvez estejam entrando em contato com essa choveret pela primeira vez, ou acabaram de ter uma peulá ou hachshará sobre os famosos Olei HaGardom. Por isso, essa introdução tem a função de contextualizar o leitor sobre quem são esses olim e sobre a situação pelo qual passaram.

Todas as histórias dos Olei Hagardom tradicionais ocorreram entre o começo da Segunda Guerra Mundial e a independência de Medinat Israel. Nesse período, toda a região onde hoje se localiza Israel estava sob domínio da Coroa Britânica, e muitos dos judeus que viviam na região participavam de grupos paramilitares - ou melhor, clandestinos - que lutavam contra a manutenção do Mandato Britânico da Palestina, em busca da independência de Israel. Esses grupos eram, principalmente, a Haganá, o Etzel (Irgun Tzvaí Leumi, em português, Organização Militar Nacional), e o Lechi (Lochamei Cherut Israel, em português, Combatentes para a Liberdade de Israel).

Cada um desses grupos tinham um mesmo objetivo: a criação de um Estado Judeu nas terras da Palestina, ou melhor, Eretz Israel. Contudo, essas organizações pretendiam alcançar esse objetivo de maneiras diferentes, afinal, tinham ideologias diferentes. Enquanto a Haganá concentrava suas atividades no auxílio às imigrações judaicas (as chamadas aliot), o Irgun e o Lechi focavam suas atividades no conflito armado ao exército britânico, realizando operações contra ele. Assim como a Haganá, o Irgun e o Lechi também tinham suas diferenças.

Entre os anos 1939 e 1945, o mundo vivenciava a Segunda Guerra Mundial, e, por isso, a maioria dos grupos paramilitares que resistiam à presença britânica na região da Palestina cessaram essa luta, dado que o exército britânico estava combatendo o nazismo e todas as forças do Eixo.



Nesse momento, no entanto, o Lechi não interrompeu essas atividades, pois seguia uma linha ideológica cujo raciocínio manteve-se fiel à máxima: "o inimigo do meu inimigo é meu amigo" e acreditava que o conflito dos judeus com os britânicos na Palestina deveria continuar de forma paralela e independente à Segunda Guerra Mundial. Sendo assim, enquanto a Haganá e o Irgun encerraram os ataques contra os britânicos, o Lechi manteve seu posicionamento.

É importante deixar claro que o intuito dessas operações, tanto as do Irgun quanto as do Lechi, era afetar apenas o exército e a Coroa Britânica, não os civis. Muitas pessoas confundem o fato de serem operações agressivas e armadas com o terrorismo, e esse é um erro que jamais podemos cometer ou deixar que cometam. Um atentado terrorista, como o próprio nome diz, tem como objetivo gerar terror e pânico na população civil. Os ataques feitos pelo Irgun e pelo Lechi, apesar de muitas vezes serem agressivos e radicais, jamais podem ser confundidos com terrorismo, já que o alvo intencionado desses ataques nunca foram civis, e nunca tiveram como objetivo causar terror ou medo na população, mas sim a defesa e constituição do Estado Judeu.

CERTO, MAS QUAL A RELAÇÃO ENTRE ESSES GRUPOS PARAMILITARES, A II GUERRA MUNDIAL E OS OLEI HAGARDOM, QUE SÃO, AFINAL, O FOCO DESTA CHOVERET?

Os Olei HaGardom tradicionais são um grupo de doze jovens que em sua infância participaram do Betar (a maioria deles) e em sua juventude se tornaram membros dessas organizações paramilitares, lutando e participando desse grande conflito contra os britânicos. Todos esses doze jovens lutaram pelo Irgun ou pelo Lechi e deram suas vidas pela causa sionista. Existe também o grupo dos Novos Olei HaGardom, os quais terão um capítulo inteiro dedicado às suas histórias.



ENTENDI, MAS ENTÃO O QUE DIFERE ESSES DOZE JOVENS DAS OUTRAS CENTENAS DE COMBATENTES QUE MORRERAM LUTANDO PELOS GRUPOS CLANDESTINOS?

O que os difere dos outros combatentes que caíram em operações é o fato de todos eles terem sido enviados a um questionável e parcial tribunal militar britânico, no qual foram condenados à morte pela força. Olei HaGardom, em hebraico, significa “os que subiram à força”. Eles recebem esse nome pois a maioria deles não nasceu nas terras da Palestina, mas sim em outros países, e “subiram” para Israel (porque em hebraico a palavra para os judeus que imigram para Eretz Israel é “aliá”, do verbo "laalot", subir em português), e Gardom significa “força”.

Todos esses doze jovens participaram de operações arriscadas dos grupos paramilitares e foram presos e sentenciados à força por isso. Contudo, diferentemente de muitos que também foram sentenciados à morte, esses doze jovens tinham a alma betarí e demonstraram isso até seus últimos suspiros. Por esse motivo, lembramos suas histórias. Por esse motivo também, fizemos a apostila. Para que nos lembremos do sacrifício desses jovens que, aos dezessete anos de idade, já pegavam em armas e granadas e que, por isso, morreram honrando o significado de Hadar e Tagar. Entender os Olei HaGardom é entender o Betar.

Raphael Harari

Rosh Chinuch Maoz Menachem Begin

São Paulo/Brasil - junho de 2020



SHLOMO BEN YOSEF



QUEM FOI:

Shalom Tabashnik, conhecido por muitos pelo seu nome de combatente - SHLOMO BEN YOSEF - nasceu na Polônia em 1913. Cresceu tendo uma educação judaica tradicional e se juntou ao Betar em 1928. Dois anos após sua entrada, seu pai veio a falecer, o que tornou a vida da família de Shlomo muito mais difícil e fez com que precisassem emigrar do país assim que possível. Seu destino? A Palestina.

Entretanto, Shlomo não conseguiu autorização legal para deixar o país, o que tornou a saída da Polônia ainda mais difícil. Em 1937, juntou-se à um grupo de imigrantes "ilegais", chamado "Projeto Alfa-Pi". Conseguiu então partir para a Palestina com a sua família, e estabeleceu-se em Rosh Piná, continuando sua trajetória como betarí lá mesmo, e futuramente sendo admitido como membro do Irgun Tzvaí Leumi, que, além de lutar pela independência de Israel, ajudava judeus da Europa a migrarem para Israel.

SHLOMO ENTRA PARA O IRGUN:

Anos depois, de sua admissão no Irgun, tornou-se um membro ativo do grupo, ajudando na defesa de Plugot Haganá, uma região de Rosh Piná que era constantemente alvo de ataques árabes e britânicos. Shlomo, junto de dois outros combatentes do Irgun - Avraham Schein e Shalom Jurabin - era responsáveis pela segurança de uma das entradas da região, a fim de garantir que nenhuma possível ameaça entrasse na cidade, afinal, tratava-se de uma área vulnerável e frequentemente atacada.



Em 1938, nos primeiros dias de Pessach, ouviam-se rumores de um novo ataque. Por isso, Ben Yosef e seus dois companheiros betarim - Avraham e Shalom - fecharam o caminho a Rosh Piná para árabes desconhecidos, como forma de prevenção aos ataques, cada vez mais frequentes. Em 21 de março de 1938, um ônibus com árabes ia para Tzfat. Os jovens, numa tentativa de deter os possíveis terroristas, começaram a atirar no veículo em movimento, mas eles escaparam. A polícia britânica - que até então estava inativa - prendeu os três jovens e os encaminhou a um tribunal militar, no qual foram julgados por seus crimes.

O TRIBUNAL E A SENTENÇA DE SHLOMO:

Em maio de 1938, o julgamento dos três jovens - chamados pelos britânicos de "terroristas judeus" - foi levado a cabo, culminando na sentença de morte por enforcamento para Ben Yosef e Schein e de prisão perpétua para Jurabin. Shlomo, no momento em que ouviu sua sentença, ficou revoltado e gritou: "Viva o Estado Judeu em ambas as margens do Jordão!". Ao betarí Abraham Schein foi trocada a pena de morte por prisão perpétua. Shlomo Ben Yosef - que aguardava sua execução na prisão de Akko - não demonstrou medo em momento algum e inclusive escreveu nas paredes de sua cela a consagrada frase de Trumfeldor: "TOV LAMUT BEAD ARTZEINU" (É bom morrer pela pátria, em português). Na última noite, o único oficial judeu pediu para fazer a guarda pois queria ajudar aquele que todos admiravam. E Shlomo pediu nada mais nada menos do que a sua tilboshet, porque não queria morrer sem ela. O oficial então lhe disse que seria impossível garantir que sua tilboshet chegasse às suas mãos.

Na manhã seguinte, Shlomo Ben Yosef acordou, escovou seus dentes e, mesmo tendo sido privado da sua tilboshet, andou de cabeça erguida e de maneira confiante pelos corredores da prisão, a caminho da forca. No trajeto, perguntaram a ele para que toda aquela confiança se sabia que estava prestes a morrer. Shlomo então respondeu: "É claro que andarei confiante, não quero que digam que um soldado judeu tem medo da morte".



No dia 29 de junho de 1938, ao ser enforcado, gritou: "Yechi Jabotinsky! Lamut o lichbosh et ha'ar!", isto é, "Viva Jabotinsky! Morrer ou conquistar a montanha!". Momentos antes de sua morte, Shlomo começou a cantar o Hatikva e o Shir Betar. Outros prisioneiros juntaram-se a ele ao escutá-lo, tornando toda a Prisão de Acco em um grande e uníssono coro de esperança e coragem. A cantoria durou longos minutos. Quando pararam de cantar, a prisão encontrava-se em um silêncio total, e Shlomo Ben Yosef havia sido executado.

É válido comentar que, apesar de tudo, muitos interpretam a ação de Shlomo como terrorista, por ele ter julgado e atacado o ônibus somente por ser árabe. De fato não se sabe qual versão é verdadeira, mas, levando em conta todo o contexto dos recentes ataques árabes, pode-se dizer que a suspeita era plausível. Além disso, Shlomo fez parte do Betar durante sua juventude, em que aprendeu princípios como o Hadar e a Disciplina, de modo que há uma incompatibilidade entre seus valores e a narrativa descrita pelos britânicos.

O LEGADO DEIXADO POR SHLOMO BEN YOSEF:

Toda essa história vivida por Shlomo Ben Yosef, apesar de distante e às vezes até difícil de se imaginar, serve como um perfeito exemplo de como nós betarím estamos prontos para defender o nosso povo e o nosso Estado, nem que isso custe a nossa própria vida. Shlomo Ben Yosef foi o primeiro dos doze grandes jovens heróis que deram suas vidas na luta contra a opressão britânica nas terras da Palestina: os Olei HaGardom.

Esses "Olei HaGardom" eram jovens judeus, membros e combatentes do Etzel ou do Lechi, que lutaram contra a presença inglesa na Palestina e acabaram por morrer defendendo essa ideia. Grande parte deles participaram do Betar durante a sua infância e juventude e seguiram seu caminho defendendo a ideia de um Estado Judeu com maioria judaica ao unirem-se a um dos dois grupos clandestinos. Shlomo Ben Yosef foi o primeiro desses heróis que devem ser para sempre lembrados e honrados.



ELIAHU
BET-TZURI

ELIAHU
CHAKIM

QUEM FORAM:

ELIAHU BET-TZURI nasceu em 1922, em Tel Aviv, em uma família que imigrou para terra de Israel várias gerações antes. Quando era criança, fez parte da Haganá, entregando encomendas especiais e mensagens por Tel Aviv.

Já mais velho, Bet-Tzuri estudou na Universidade de Jerusalém e juntou-se ao Irgun. Posteriormente, deixou o Irgun para unir-se ao Lechi, através do qual esperava poder salvar os judeus da opressão britânica. Em 1944, foi enviado ao Cairo, onde faria parte de uma grande operação.

ELIAHU CHAKIM nasceu em 1925, no Líbano. Aos sete anos, fez aliá e passou a viver em Haifa, no então Mandato Britânico da Palestina, junto de sua família. Ainda durante o Ensino Médio, uniu-se ao Lechi. Assim que concluiu seus estudos, voluntariou-se para servir o exército britânico durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1944, foi enviado ao Egito, deixando o exército britânico e dando continuidade às suas atividades anti-britânicas pelo Lechi, no Cairo.



O ASSASSINATO DO LORD MOYNE:

Crise na Europa. Muitos judeus tentavam partir do continente europeu para os portos de Israel, através de barcos que transportavam os imigrantes e que, ao chegarem à costa do Mandato Britânico, foram expulsos e afundados pelos ingleses. Um dos principais idealizadores dessa ideia foi Lord Moyne, um membro da nobreza britânica, oficial do exército inglês no Yishuv, que ocupava o cargo de titular do Serviço de Inteligência Britânica para o Oriente Médio e que não queria judeus na Terra Prometida.

Em 6 de novembro de 1944, dois jovens judeus realizaram uma operação para assassinar o Lord Moyne. Eles tiveram êxito, mas foram presos e encaminhados para um tribunal egípcio. Os jovens encarcerados não queriam revelar suas identidades, mas elas foram descobertas: Eliahu Chakim, de 17 anos, e Eliahu Bet Tzuri, de 22 anos. Ambos judeus, betarím e combatentes do Lechi.

Essa operação repercutiu por toda a Inglaterra, que clamava por justiça e pela morte dos dois jovens. Antes de serem encaminhados de volta à Palestina Britânica, foram mantidos no Egito por alguns dias, e lá interrogados. Foi dito que os dois combatentes se portaram com dignidade e respeito durante toda a sua estadia. Declararam ter matado o Lord Moyne não como pessoa, afinal nem o conheciam pessoalmente, mas sim como símbolo da dominação e opressão britânica na Palestina.

O primeiro-ministro inglês informou que eles seriam julgados por um tribunal militar. Por resolução do Mufti (autoridade religiosa do Egito) e da polícia britânica, foi dada a pena de morte por enforcamento. Verdugos egípcios os levaram à forca em 22 de março de 1945, às oito horas, na prisão de Cairo, no Egito. Tiveram o orgulho de morrer com honra de serem judeus, como disse Eliahu Bet-Tzuri: "Naturalmente gostaria de viver, mas não ao preço da minha honra de judeu".



REPERCUSSÃO:

Apesar de ter ocorrido em meio a um confuso e complicado cenário, numa época onde infinitas coisas aconteciam ao mesmo tempo, o assassinato do Lord Moyne gerou uma grande repercussão no Império Britânico. Um episódio em que dois jovens sionistas, apesar de terem uma justificativa compreensível e válida, reuniram um conjunto de fatores que tornavam a vida dos judeus que viviam na Palestina muito difícil e atribuíram esses fatores em uma única figura, o próprio Lord, afinal, ele de fato representava muito do que os antissionistas acreditavam e praticavam. Esse ato atribuiu uma visão muito negativa aos grupos paramilitares judaicos, que passaram a ser ainda mais malvistas do que já eram, até mesmo por judeus da região. Foi também o que fez com que a Haganá declarasse seu repúdio oficial ao Irgun e ao Lechi. A repercussão foi tamanha que o próprio primeiro-ministro inglês ficou sabendo do atentado e ordenou pessoalmente que os jovens fossem julgados por um tribunal militar. Após esse episódio, foi dada a largada ao período histórico que conhecemos como "La Saisson" - ou a Temporada de Caça - durante a qual os ingleses, aliados à Haganá e à Agência Judaica para Israel, caçavam membros do Irgun e do Lechi.

Embora toda a repercussão negativa, esse feito dos dois betarím enviou ao governo britânico uma mensagem clara: a de que os judeus estavam cada vez mais fortes e de que não iriam parar até que sua demanda fosse atendida: a saída dos britânicos da Palestina e a criação de um Estado Judeu naquelas terras. O assassinato do Lord Moyne é considerado como o evento que mudou o rumo da luta sionista contra os britânicos.

Além disso, nós, betarím, contamos essa história e muitas outras como símbolo de Tagar e da luta de jovens judeus pelo Lar Nacional Judaico. Eliahu Chakim e Eliahu Bet-Tzuri são, portanto, dois nomes que vieram a ser conhecidos como dois dos grandes Olei HaGardom.



DOV GRUNER

QUEM FOI:

DOV GRUNER nasceu em Kisvárda, uma pequena cidade húngara, em 1912. Cresceu com seus pais e teve uma educação judaica tradicional, um tanto quanto religiosa. Formou-se em Engenharia na então Tchecoslováquia. Em 1938, entrou no Betar, que o impulsionou a fazer aliá - para o então Mandato Britânico da Palestina - dois anos depois, em 1940. Como a chegada dos judeus na região estava sendo sabotada e limitada pelos britânicos com sua política dos "Livros Brancos", Dov se juntou a um grupo de maapilim (imigrantes ilegais) e partiu para a Palestina no navio clandestino SS Skaria. Ao chegar no seu destino, Gruner e todos os outros passageiros do navio foram apreendidos e passaram seis meses em Atlit, uma espécie de "prisão" e campo de refugiados para imigrantes ilegais. Logo após ser libertado, uniu-se ao Betar de Rosh Piná.

Em 1941, Gruner tomou conhecimento dos horrores que os judeus europeus estavam sofrendo nas mãos dos nazistas, decidindo então alistar-se no exército britânico para combater o Eixo na guerra. Lutou lado a lado com ingleses e franceses, e em 1944 passou a integrar a Brigada Judaica, uma unidade do Exército Britânico composta por voluntários judeus recrutados na Palestina para ajudar os judeus sobreviventes do Holocausto com comida e suprimentos.



Em 1946, deixou o exército britânico para unir-se ao Irgun, já que a trégua entre judeus e ingleses na Palestina havia terminado junto com o fim da guerra. O conflito estava de volta, mais intenso do que nunca. Gruner contou todos os seus feitos e resumiu suas atividades para o comando do Irgun, que, ao ouvir tudo aquilo, aceitou-o como membro imediatamente. Finalmente, a partir de março de 1946, Dov Gruner passou a fazer parte oficialmente do Irgun Tzvaí Leumi, dedicando sua vida à luta pela independência de Medinat Israel.

DOV GRUNER ENTRA PARA O IRGUN:

Ao entrar no Irgun, Gruner esperava lutar como seus antepassados lutaram contra a invasão romana, esperava ser ativo e fazer a diferença na luta contra os britânicos; e assim o fez.

Iniciou suas atividades perto de Netanya e, em menos de três dias após sua entrada no movimento, recebeu sua primeira operação como combatente: prestar reforços a uma intensa troca de tiros com os ingleses, perto de um depósito policial também nos arredores de Netanya. Dez dias depois de sua primeira operação (que foi bem sucedida), Gruner já foi indicado a uma segunda missão, sendo esta muito mais perigosa e complexa do que a primeira: o famoso ataque à estação policial de Ramat Gan.

A ESTAÇÃO POLICIAL DE RAMAT GAN:

Para poder seguir com a resistência, o Irgun precisava de armas e munições. A forma mais efetiva era montar operações de saque, cujo objetivo final era a apropriação de armamentos ingleses. Uma dessas operações foi o ataque à estação policial de Ramat Gan.

No dia 23 de Abril de 1946, um grupo de doze criminosos árabes chegaram à estação, escoltados por alguns soldados britânicos. Uma vez dentro, os soldados pediram ao sargento que registrava as ocorrências para providenciar celas livres para esses árabes.

Nesse momento, subitamente, os árabes tiraram suas longas vestes, revelando que, em vez de algemas, possuíam armas, o que lhes permitiu render rapidamente os soldados britânicos. Todavia, para a grande surpresa dos ingleses, os árabes e os soldados que os escoltavam eram, na realidade, combatentes do Irgun disfarçados, que logo renderam todos os oficiais da base policial. Os oficiais rendidos entregaram suas armas sem resistir, e nenhum confronto ocorreu inicialmente. Gruner, junto com os outros membros da operação entraram na estação, pegaram os armamentos que vieram buscar e carregaram todo o material num caminhão. Não demorou muito até que a base policial fosse totalmente esvaziada.

A operação corria bem - bem até demais. E como tudo o que é bom, a tranquilidade também acabou: um soldado inglês, posicionado numa torre alguns prédios a frente, avistou a operação e, ao entender do que se tratava, abriu fogo contra os combatentes, atirando com uma metralhadora quase que cegamente, devido à longa distância até seu alvo. Os membros da operação recolheram todo o material restante e começaram a contra-atacar, enquanto iam em direção ao caminhão de fuga. Minutos se passaram, e o que antes era uma simples operação de saque havia se tornado um longo e intenso tiroteio entre as forças do Irgun e as forças britânicas, com direito a perseguições e a um cenário caótico de nível cinematográfico, ao vivo e a cores.

Nesse confronto, muitos membros do Irgun foram mortos pelos ingleses e vários outros feridos. Gruner, por sua vez, foi atingido por duas balas inimigas. Apesar dos ferimentos, não deixou de atirar e seguiu resistindo até o final. O caminhão chegou com todos os carregamentos saqueados à base do Irgun, mas muitos dos combatentes foram capturados pelos britânicos e sequencialmente enviados a um tribunal militar.

Gruner foi então levado a um hospital em Jerusalém, pois havia sido gravemente ferido. Os britânicos acompanharam todo o transporte e asseguraram que assim que estivesse suficientemente recuperado, seria encaminhado à corte militar e julgado por seus atos.

Um médico foi autorizado a visitá-lo para acompanhar sua recuperação, mas Gruner não aceitou, pois não queria que os preciosos recursos da organização fossem gastos para isso.

O TRIBUNAL E A SENTENÇA DE GRUNER:

Uma vez recuperado, Dov foi encaminhado ao tribunal militar, sendo julgado como combatente do Irgun. Durante a audiência, o juiz perguntou a Gruner como ele se declarava: inocente ou culpado. Nesse momento, levantou-se, dominado pela emoção, e disse: "Nenhum dos dois. Eu não reconheço a autoridade desse tribunal. Essa audiência não tem fundamento legal, uma vez que é dirigido por um governo que tampouco tem fundação legal". Disse que independentemente de declarar-se culpado ou inocente, ele já sabia de seu veredito, pois aquele que comandava o julgamento, em suas palavras, "não passava de um carrasco fantasiado de juiz". Enquanto continuava a discursar sobre a ilegitimidade e a opressão da presença britânica nas terras da Palestina, foi brutalmente interrompido pelas autoridades militares, que o espancaram por "desacato à autoridade". Agora, silenciado, o veredito foi declarado: culpado e sentenciado à força, conforme o próprio réu havia previsto.

Dov foi então encaminhado à Prisão Central de Jerusalém, onde ficou até o dia de sua execução, a qual, segundo o juiz, deveria ocorrer "assim que possível". Com a aproximação do dia de seu assassinato, Gruner resolve escrever, de dentro de sua cela, uma carta para o então comandante geral do Irgun, Menachem Begin. A carta foi posteriormente encontrada dentro de seu bolso. Dias antes de seu enforcamento, três outros jovens do Irgun foram presos com ele e, juntos foram encaminhados clandestinamente à Prisão de Acco, onde seriam executados.

Chegado enfim o dia de sua morte, foi pedido a Gruner para que se calasse e escutasse sua sentença, como mandava a tradição inglesa.

ele obviamente não se calou, e por essa razão foi outra vez espancado. A data era 16 de abril de 1947, às duas horas da manhã: todos os prisioneiros foram despertados por uma voz que cantava o Hatikva. Horas mais tarde, o canto cessou, e com o nascer do Sol, Gruner pôde ser visto na forca, imóvel. Morto, aos 35 anos de idade. E não se ouviu mais a voz de Dov Gruner naquela prisão.

O LEGADO DEIXADO POR DOV GRUNER:

O legado que Dov Gruner nos deixou não é apenas uma forte e emocionante história de resistência, mas também, um grande exemplo de coragem e de Tagar.

Em meio à Segunda Guerra Mundial, Dov Gruner decidiu alistar-se no exército britânico e ir para a Europa, o lugar mais perigoso para um judeu estar naquela época. Mesmo assim, “vestiu a camisa” e foi, pois sentia que seu povo precisava dele. Posteriormente, já na Palestina, quando se encontrava no meio da operação, foi ferido gravemente durante tiroteio travado contra os britânicos. Mesmo com todas as dores, esforçou-se para manter a consciência e fazer sua parte na missão, mesmo que isso lhe custasse sua própria vida. Foi surrado e espancado diversas vezes, em sua audiência e em sua execução, e, ainda assim, não teve medo de expressar seu repúdio à presença da Coroa Britânica em Eretz Israel.

O discurso de Gruner no tribunal, apesar de interrompido pelas autoridades, foi algo inédito. Afinal muitos combatentes do Lechi e do Irgun já haviam passado por ali, mas pela primeira vez, alguém se pôs de pé e os desafiou. Ele foi o primeiro a enfrentar os britânicos e acusá-los de serem estranhos numa terra que não lhes pertencia. Pela primeira vez, a voz sionista foi verdadeiramente ouvida pelos representantes da realeza britânica. Dov não foi o primeiro a ser morto por lutar pela liberdade de seu povo e certamente não seria o último, mas os rumores gerados pelo seu discurso no tribunal acenderam uma brilhante chama de resistência e esperança, que guiou centenas de combatentes para seus atos em defesa da futura Medinat Israel.

A CARTA DE GRUNER À BEGIN:

Senhor,

Obviamente eu quero viver, afinal, quem não quer? Mas o que me incomoda, agora que o fim está tão próximo, é principalmente o peso que carrego em minha consciência, de que não consegui alcançar o suficiente.

Eu também poderia ter dito: 'Deixe o futuro cuidar do futuro' e, enquanto isso, aproveitado a vida e ficado contente com o trabalho que me foi prometido na minha desmobilização. Eu poderia até ter deixado o país para uma vida mais segura na América, mas isso não me satisfaria como judeu ou como sionista.

Há muitas escolas de pensamento sobre como um judeu deve escolher seu modo de vida. Uma das maneiras é a dos sionistas assimilados que renunciaram ao judaísmo. Há também outro caminho, o caminho daqueles que se chamam de "sionistas" - o modo de negociação e compromisso, como se a existência de uma nação não fosse nada além de outra transação. Eles não estão preparados para fazer qualquer sacrifício e, portanto, têm que fazer concessões e aceitar compromissos. Talvez isso seja de fato um meio de retardar o fim, mas, em última análise, leva ao gueto. E não nos esqueçamos disso: só no gueto de Varsóvia havia quinhentos mil judeus.

A única maneira que parece, na minha opinião, estar certa, é o caminho do Irgun Tzvai Leumi, o caminho da coragem e da ousadia sem renunciar a uma única polegada de nossa terra natal. Quando as negações políticas se revelam fúteis, é preciso estar preparado para lutar por nossa pátria e nossa liberdade. Sem eles, a própria existência de nossa nação está comprometida, por isso devemos lutar com todos os meios possíveis. Este é o único caminho que resta a nosso povo em sua hora de decisão: defender nossos direitos, estar prontos para lutar, mesmo que para alguns de nós este caminho leve à força. Pois é uma lei da história que somente com sangue um país será redimido.

Estou escrevendo isso enquanto aguardo o carrasco. Este não é um momento em que eu possa mentir, e eu juro que se tivesse que começar minha vida de novo eu teria escolhido exatamente o mesmo caminho, independentemente das consequências para mim mesmo.

Seu fiel soldado,
Dov.



ELIEZER
KASHANI



MORDECHAI
ALKACHI



YEHIEL
DRESNER

QUEM FORAM:

ELIEZER KASHANI nasceu em Petach Tikva, em 1923. Ele, junto com seus seis irmãos, vivia com seus pais, que imigraram da Pérsia para o Mandato Britânico. Quando jovem, também fez parte do grupo Macabi e, ainda muito cedo, começou a trabalhar numa fábrica para ajudar sua família.

Em 1944, foi abordado por autoridades inglesas, que o acusaram de ser membro do Irgun - que, na época, ele ainda nem conhecia - e acusado de terrorismo, sendo mandado para Latrun, uma espécie de "reformatório", onde ficou detido com outros 250 prisioneiros. Em Latrun, Kashani conheceu alguns membros do Irgun e, em 1945, decidiu juntar-se à organização.

MORDECHAI ALKACHI também nasceu em Petach Tikva, onde vivia com seus pais, imigrantes turcos. Nasceu em 1925, durante um período no qual sua família se encontrava em uma grande crise financeira. Ao completar catorze anos, decidiu largar os estudos e passou a ajudar no sustento da família.



Pouco tempo depois, Alkahi juntou-se ao grupo juvenil Macabi, uma organização que incentivava jovens judeus a praticarem esportes. Dentro dela, Alkachi se tornou um atleta promissor, participando até mesmo de campeonatos nacionais de natação. Em suas viagens pelo Mandato, acabou entrando em contato com diversos grupos, entre eles o Irgun. Em 1941, ganhou um torneio nacional de natação e, dois anos depois, uniu-se ao Etzel.

YEHIEL DRESNER nasceu em 1922, na Polônia. Lá viveu com sua mãe e seus outros três irmãos até completar onze anos, quando decidiram se mudar para a Palestina. Estabeleceram-se em Jerusalém, onde Dresner teve seu primeiro contato com o Betar.

Alguns anos depois, em 1938, um boato corria entre os membros do Betar: o de que um jovem membro do Betar de Rosh Piná havia sido capturado pelos britânicos e sentenciado à morte. Este era Shlomo Ben Yosef, que havia sido enforcado quando Dresner tinha quinze anos. Quando soube da história de Shlomo, ficou enfurecido e decidiu que queria se vingar dos ingleses. Fez o que podia como membro do Betar, mas sentia que não era o bastante e, por isso, se mudou para Netanya e uniu-se ao Irgun, aos dezoito anos.

DENTRO DO IRGUN:

O ano era 1946: Yehiel Dresner e Mordechai Alkachi já eram membros experientes do Irgun, enquanto Eliezer Kashani - que havia se juntado ao grupo há cerca de um ano - vinha se mostrando um ótimo combatente, já sendo treinado para ser promovido a oficial. Nossos três jovens, apesar de não terem a mesma idade, compartilhavam de um sentimento em comum: a raiva pela coroa inglesa, a qual oprimia e ocupava o futuro Estado Judeu. Os três se tornaram amigos e passaram a participar de missões juntos.

Conforme os meses passavam, o conflito entre os grupos clandestinos e os britânicos se intensificava cada vez mais.

O cenário era caótico: o governo britânico tentava se impor na região, mas, por sua questionável legitimidade para governar naquelas terras, sofria retaliação por parte das guerrilhas judaicas. Essa represália gerou, por sua vez, uma resposta ainda mais violenta por parte dos britânicos, que passaram a fazer uso de castigos físicos e a torturar os combatentes detidos. Agora, membros do Irgun que eram capturados corriam o risco de serem chicoteados, espancados e humilhados.

Contudo, o Irgun, em resposta a isso tudo, emitiu um comunicado à Coroa Britânica, informando que não toleraria que seus membros fossem humilhados ou agredidos, afinal, em lugar algum, prisioneiros de guerra eram submetidos a torturas e humilhações. Os britânicos, porém, não só ignoraram tal comunicado, como intensificaram suas punições, o que nos leva aos acontecimentos de 26 de Dezembro de 1946.

Nesse dia, Benyamin Kimchi, um combatente do Irgun detido por sua participação em um ataque ao banco otomano de Yafo, recebeu a absurda sentença de dezoito chibatadas e dezoito anos de prisão, que não só era absurdamente humilhante, como também fazia alusão ao número 18, o número da vida, segundo a numerologia judaica. Quando o alto comando do Irgun soube dessa sentença bárbara, decidiu retaliar de uma maneira diferente da habitual.

Assim, uma equipe de cinco combatentes foi montada - entre eles Dresner, Alkachi e Kashani - e enviada a Rishon LeTzion para sequestrar um importante oficial inglês. Entretanto, porque os ingleses suspeitavam de uma operação como essa, já tinham preparado uma emboscada aos combatentes, bloqueando a estrada e cercando o carro com os cinco jovens. Dado que os jovens obviamente não se renderam sem combate, uma longa troca de tiros entre eles - ainda dentro do carro - e dezenas de britânicos estrategicamente posicionados teve início. O motorista do carro, Avraham Mizrachi, foi atingido e morreu no início do tiroteio.

Após longos e angustiantes minutos de tiros e gritos, os demais jovens foram arrastados para fora do carro, que foi revistado pelos inimigos. Ao se depararem com armas e chicotes, decidiram punir os combatentes. Foram brutalmente espancados e tiveram suas roupas rasgadas. Como se já não fosse o bastante, os soldados ingleses que os capturaram levaram os quatro jovens a um esconderijo, onde, durante cinco dias, ficaram detidos e foram torturados. Posteriormente, os combatentes foram encaminhados à Prisão Central de Jerusalém, onde aguardaram pelo seu julgamento.

TRIBUNAL E SENTENÇA:

Em 10 de Fevereiro de 1947, quarenta e três dias depois de sua captura, Yehiel Dresner, Mordechai Alkachi, Eliezer Kashani e Chaim Golovsky foram encaminhados a um tribunal militar, sendo julgados pelos crimes de "terrorismo" e "traição". Decidiram juntos não reconhecer uma palavra sequer daquele julgamento, já que, em hipótese alguma, aceitariam qualquer ordem britânica. O julgamento foi curto e rápido. Os jovens entraram, ouviram os testemunhos e, antes do veredito ser revelado, se puseram de pé e disseram não reconhecer aquele tribunal ou qualquer outro órgão britânico nas terras da Palestina. Afirmaram não ser prisioneiros de guerra, mas sim prisioneiros da guerra. Prisioneiros da causa judaica por um Estado Judeu de maioria judaica. Em suas palavras, Dresner afirmou que morrer não seria uma punição para ele, mas sim um sacrifício. Estava pronto para morrer para que as próximas gerações judias pudessem viver em Eretz Israel.

Os quatro jovens disseram o que tinham para dizer. Ao finalizarem seus testemunhos, calaram-se. Um silêncio tomou conta do tribunal. Intermináveis segundos de silêncio absoluto enquanto o juiz tomava sua decisão. O veredito foi lançado: Dresner, Alkachi e Kashani foram condenados à forca, enquanto Golovsky foi condenado à prisão perpétua, já que sua pouca idade - dezessete anos - não permitia que recebesse uma pena de morte. Ao ouvirem sua sina, novamente puseram-se de pé e juntos cantaram o Hatikva.

Foram então transportados para Prisão Central de Jerusalém, rumo ao seu fim.

De volta à prisão, os jovens se deparam com outro guerreiro do Irgun detido: Dov Gruner. Não conheciam a história de Gruner, mas se surpreenderam ao descobrir que Gruner e todo o Irgun sabiam da história deles. Golovsky foi separado dos outros três, os quais, ao lado de Dov, foram encaminhados ao corredor da morte. Assim como a Gruner, os britânicos lhes ofereceram uma última oportunidade de pedir clemência, mas obviamente os jovens se recusaram.

No dia 15 de Abril, durante a madrugada, Dresner, Alkachi, Kashani e Gruner foram clandestinamente transferidos à Prisão de Akko. Os ingleses acreditaram que a execução desses jovens numa prisão tão grande como a de Jerusalém poderia causar uma grande desordem ou até mesmo um motim e, por isso, os encaminharam a Akko, para que fossem executados sem chamar atenção.

Dois dias se passaram desde a chegada a Akko. Os quatro combatentes se viam calmos e tranquilos e afirmavam que sua missão estava cumprida. Às duas da manhã do dia 17 de Abril de 1947, Gruner foi levado à forca, cantando o Hatikva sem parar, até o instante de sua morte. Assim que foi executado, os três jovens foram também encaminhados à forca. Os primeiros raios de sol já surgiam, e os prisioneiros de Akko, ainda tristes pelo assassinato de Dov, assistiram a mais três execuções. Às quatro e meia da manhã, Yehiel Dresner, Mordechai Alkachi e Eliezer Kashani deram continuidade à cantoria de Gruner, não deixando de entoar o Hatikva até que o último deles fosse executado. Todos os prisioneiros judeus de Akko juntaram-se aos nossos guerreiros, cantando o Hatikva com todas as suas forças. Aconteceu o que os britânicos tentaram evitar: uma comoção geral pelos jovens combatentes. Yehiel Dresner, Mordechai Alkachi e Eliezer Kashani se dirigiram à forca de cabeça erguida, consolando seus amigos em vez de serem consolados. O sol já raiava alto nos céus, e nossos três guerreiros já não cantavam mais.



MEIR FEINSTEIN

MOSHE BARAZANI

QUEM FORAM:

MEIR FEINSTEIN nasceu em 1927, em Jerusalém. Seus pais, ambos de origem polaca, deram ao seu filho uma forte e tradicional base judaica. Estudou em uma yeshivá por alguns anos, até o falecimento de seu pai, acontecimento que o obrigou a largar os estudos para ajudar sua família financeiramente. Começou então a trabalhar numa pequena oficina em Jerusalém e, ao completar 15 anos, foi trabalhar num pequeno kibutz, onde conheceu membros da Haganá. Logo resolveu juntar-se à organização paramilitar, pois queria dedicar seu trabalho para a construção do Estado Judeu.

Feinstein então passou alguns meses vivendo no kibutz, mas, apesar de estar se dedicando ao povo judeu, não se sentia confortável naquele ambiente comunal e queria fazer a diferença de uma maneira mais intensa e incisiva. Ao ouvir rumores sobre as crueldades sofridas pelos judeus no Holocausto, decidiu alistar-se no exército britânico em 1944 para combater os nazistas. Por sua pouca idade, não foi aceito. Contudo, não desistiria facilmente. Convenceu, assim, um major britânico, amigo de sua família, a falsificar sua idade para entrar para as forças Aliadas. Mesmo assim, infelizmente, não obteve sucesso.

Acabada a guerra, FeinSTEIN passou a servir o exército britânico na própria Palestina. Nesse período, conheceu alguns amigos que, em segredo, eram membros do Irgun. Meir sentiu que lá seria o lugar em que poderia cumprir seu maior desejo - verdadeiramente lutar pela criação do Estado Judeu - e, em abril de 1946, entrou para a organização.

Logo de sua entrada, Meir ainda não tinha a idade mínima para participar das operações e combates, e por isso foi designado para o setor da propaganda, no qual participou das unidades de recrutamento. Passado algum tempo, começou a participar de operações armadas, dedicando sua vida à organização. Sua primeira missão oficial foi fazer parte e observar a famosa operação no hotel King David.

FeinSTEIN participou de uma série de missões do Irgun, através das quais foi se tornando um combatente cada vez mais experiente e conhecido. Nessas operações, aproximou-se de outros, entre eles: Dresner, Alkahi, Kashani e também Dov Gruner. Além disso, foi através da participação de missões - cada vez mais arriscadas e perigosas - em parceria com o Lechi que conheceu Moshe Barazani. Com o passar do tempo, na medida em que ambos os jovens cresciam em suas organizações, também sua amizade se fortalecia.

MOSHE BARAZANI nasceu no Iraque em 1926. Aos seis anos, fez aliá com seus pais para Jerusalém. Devido a situação financeira de sua família, Barazani cedo começou a trabalhar. Tornou-se então aprendiz de carpinteiro e, posteriormente, passou a trabalhar numa fábrica de refrigerantes. Mesmo conseguindo um emprego promissor, a única vontade de Barazani não era enriquecer, mas sim lutar pela criação de um Estado Judeu, assim como seu irmão, Avraham Barazani, lutava.

Passado algum tempo, decidiu largar seu emprego na fábrica e seguir os passos de seu irmão, um bravo combatente do Lechi.

No entanto, ele ainda era jovem demais para participar das operações, então ajudava na propaganda e divulgação da causa, distribuindo folhetos e recrutando novos membros.

Alguns meses depois de ter entrado para a divisão mais jovem do Lechi, seu irmão, já combatente veterano, conseguiu que o alto comando do grupo autorizasse a participação de seu irmão nas operações. Desta forma, Moshe foi finalmente convocado para participar da luta armada do grupo clandestino.

Tornou-se então um membro ativo da Stern Gang (outro nome atribuído ao Lechi), participando de diversas missões ao longo dos anos. Como muitas dessas operações ocorriam em conjunto com o Irgun, Barazani acabou por conhecer e até mesmo fazer amizade com alguns de seus combatentes, entre eles Yehiel Dresner, Mordechai Alkahi e Eliezer Kashani. Além desses três jovens, Barazani também se aproximou de outro combatente, que viria a ser um personagem muito importante em sua vida: Meir Feinstein.

O ATAQUE À ESTAÇÃO DE TREM:

Como dito anteriormente, conforme Feinstein e Barazani foram crescendo e ganhando experiência dentro de seus respectivos grupos, as operações das quais eles participavam se tornavam mais complexas e arriscadas. Algumas envolviam a instalação de minas terrestres para encurralar os britânicos, outras envolviam sabotagens em linhas ferroviárias, mas nenhuma foi tão arriscada quanto o Ataque à Estação Central de Trem de Jerusalém.

CONTEXTO:

Os anos entre o fim da Segunda Guerra e a independência de Medinat Israel, foram marcados por muitos ataques realizados pelos grupos paramilitares contra os britânicos na Palestina.

É importante deixar claro que o intuito dessas operações, tanto as do Irgun quanto as do Lechi, era afetar apenas o exército e a Coroa Britânica, não os civis.

Muitas pessoas confundem o fato de serem operações agressivas e armadas com o terrorismo, e esse é um erro que jamais podemos cometer ou deixar que cometam. Um atentado terrorista, como o próprio nome diz, tem como objetivo gerar terror e pânico na população civil. Os ataques feitos pelo Irgun e pelo Lechi, apesar de muitas vezes serem agressivos e radicais, jamais podem ser confundidos com terrorismo, já que o alvo intencionado desses ataques nunca foram civis, e nunca tiveram como objetivo causar terror ou medo na população, mas sim a defesa e constituição do Estado Judeu.

Esse ataque em particular chocou muito o exército britânico, pois ele ocorreu na maior estação de trem de Jerusalém. No dia 30 de outubro de 1946, uma das maiores operações conjuntas do Irgun e do Lechi foi levada a cabo. Por se tratar de uma estação utilizada tanto por militares ingleses quanto por civis, o Irgun distribuiu placas e sinais de aviso indicando à população civil para que não entrassem na estação de forma alguma. Entre os vários combatentes do Irgun e do Lechi que foram convocados para essa operação, estavam Meir Feinstein e Moshe Barazani.

A OPERAÇÃO:

Durante a noite, membros de ambas organizações chegaram à estação de trem em dois táxis: um com combatentes que manteriam os guardas da estação ocupados enquanto a operação acontecia (Feinstein era o motorista desse primeiro táxi) e outro com membros que se infiltrariam na estação com bombas e granadas. O plano era que cada grupo voltasse no mesmo táxi em que veio, de modo que uma parte da operação não interferisse na outra, ocorrendo paralelamente.

Ao começarem, o primeiro grupo utilizou pequenos explosivos para chamar a atenção dos guardas, dando início a uma ligeira troca de tiros na entrada da construção. Enquanto esses combatentes distraíam os guardas na entrada, os outros entravam na estação pelas plataformas.

Aqueles que se infiltraram na estação pelas plataformas carregavam consigo três coletes explosivos. Um desses jovens era Moshe Barazani.

Alguns minutos se passaram, e o exército britânico chegou na estação mais rápido do que o esperado. Os oficiais ingleses já suspeitavam de um novo ataque naquela noite e, ao se depararem com placas do Irgun que "interditavam" a estação, chegaram a conclusão de que o ataque ocorreria lá, preparando-se de antemão para um possível conflito. Essa chegada adiantada fez com que os jovens corressem para finalizar a operação o mais rápido possível. Eles instalaram as bombas e colocaram placas indicando os explosivos.

A troca de tiros na entrada do prédio não evitou a entrada do exército, por isso, ao ouvirem disparos vindos de dentro, Feinstein e seus companheiros perceberam que precisavam recuar e evitar serem capturados. Esperavam, genuinamente, que o outro grupo pudesse fazer o mesmo. Durante a sua fuga, quatro combatentes foram atingidos, inclusive Meir, que foi baleado diversas vezes no braço esquerdo.

A CAPTURA DOS JOVENS:

Feinstein - dirigindo o carro com apenas um braço - conseguiu fugir da região do ataque. No entanto, a polícia os perseguiu até o bairro Yemin, onde saíram do carro e tentaram - sem êxito - se separar para despistar a polícia. A perseguição resultou na captura de Meir.

Enquanto isso, a maioria dos jovens do outro grupo não conseguiu escapar, morrendo durante o confronto ou sendo presos. Moshe foi rendido com uma granada em seu bolso. Junto de seu amigo Daniel Azulay, ficou detido na prisão central de Jerusalém, onde esperava por seu julgamento. Feinstein, por sua vez, foi encaminhado ao hospital, onde teve seu braço esquerdo amputado. Assim que apresentou melhoras de seus ferimentos, foi também encaminhado à prisão de Jerusalém.

TRIBUNAL E SENTENÇAS:

A data era 17 de Março de 1947. Ao mesmo tempo em que entrava em vigor a lei marcial no Mandato Britânico, Barazani era encaminhado para uma audiência no tribunal militar britânico, no qual seria julgado pelos seus atos (porte ilegal de arma, tentativa de assassinato de um oficial inglês e suspeita de terrorismo). Seu julgamento durou menos de 90 minutos, culminando em sua pena de morte. Ao ouvir seu veredito, afirmou que jamais reconheceria a autoridade daquele tribunal e, imediatamente, se levantou e começou a cantar o Hatikva. Foi logo encaminhado à Prisão Central de Jerusalém, na qual deparou-se com alguns rostos conhecidos, de Dov Gruner, Yehiel Dresner, Mordechai Alkahi e Eliezer Kashani.

Feinstein, por sua vez, ainda se encontrava no hospital, recuperando-se de seus ferimentos. No dia 25 de março, logo de sua recuperação, foi encaminhado ao tribunal - junto de Daniel Azulay - no qual ambos se recusaram a participar dos procedimentos e afirmaram não reconhecer a legitimidade daquele tribunal. Contudo, antes de que o veredito pudesse ser revelado, Feinstein se levantou e emitiu o seguinte discurso:

“Oficiais do exército da conquista! Um regime de forcas e penas de morte nada mais é do que um regime que vocês decidiram impor nessa terra, terra esta que estava destinada a ser uma luz para toda a humanidade. Em sua tola maldade, vocês presumiram que o seu regime seria capaz de quebrar a fé do nosso povo, o povo para quem este país inteiro tinha sido uma força. Vocês erraram. Vocês aprenderão que vocês encontraram aço, um aço forjado no fogo do amor e do ódio: amor pela nossa terra e liberdade, e ódio pelos invasores e pela escravidão. Um aço escaldante, que vocês jamais quebrarão, e queimarão suas mãos ao tentar.



Quão forte é a sua cegueira, ingleses tiranos? Não percebem que aqueles que os enfrentam nesta campanha são um perfeito exemplo de resistência ao longo da história da humanidade? Tentam nos assustar com a morte? Nós, que por anos ouvimos barulho das rodas dos vagões, que levaram nossos irmãos, nossos pais, os melhores de nossa nação - ao matadouro, que também não tinha precedentes na história da humanidade? Nós, que perguntamos a nós mesmos dia após dia: 'em que somos melhores que eles?' Melhores que os nossos milhões de irmãos e irmãs? Qual foi a nossa vitória? Pois poderíamos estar entre eles e com eles nos dias de medo e nos momentos de morte.

E para essas perguntas recorrentes, há apenas uma resposta em nossas consciências: nós não sobrevivemos apenas para viver em novas condições de escravidão e opressão, um novo Treblinka. Nós nos mantivemos vivos para garantir vida, liberdade e dignidade para nós, para nossa nação, para nossos filhos e nossos netos. Permanecemos vivos para que não importasse mais o que acontecesse ali e pudesse acontecer sob o seu domínio, o domínio da traição, o domínio do sangue. Portanto, não teremos medo, pois aprendemos com as inúmeras vítimas que vimos - que há vida pior que a morte, e há morte maior que a vida..."

Após o brilhante testemunho de Feinstein, o veredito dos dois jovens foi revelado: Azulay foi condenado à prisão perpétua, por ainda ser menor de idade, enquanto Feinstein foi condenado ao enforcamento. Os jovens foram também levados à Prisão Central de Jerusalém, onde foram separados. Ao ser levado para o corredor da morte, Meir sentiu um forte aperto em seu coração, pois lá estavam seus grandes amigos de combate: Gruner, Dresner, Alkahi, Kashani, e, é claro, Barazani.

UMA GRANADA ENTRE SEUS CORAÇÕES:

No dia 17 de abril, um dia após Gruner, Dresner, Alkahi e Kashani serem levados à prisão de Akko, a sentença de Barazani e Feinstein - agora colegas de sela - foi confirmada, e, com o passar dos dias, a ideia de morrerem nas mãos de ingleses os irritava cada vez mais.

Não queriam morrer enforcados por seus inimigos, humilhados e sós. Tiveram então uma ideia de evitar sua execução. Ambos decidiram tirar suas próprias vidas, como na heróica história de Massada. Por esse motivo, seu último pedido foi uma granada. Enviaram uma carta ao Irgun explicando sua decisão e aguardaram pela granada, que provavelmente chegaria disfarçada. Receberam a confirmação do Irgun a respeito de seu último desejo, embora não tenha sido fácil para seus companheiros atender tal pedido.

Poucos dias depois, chegou aos jovens uma cesta de frutas, que incluía algumas laranjas "especiais". A fruta parecia intacta. Entretanto, os jovens encontraram uma nota dentro da cesta que explicava que dentro das duas laranjas havia granadas e que os agradecia por cumprirem seus papéis.

Na segunda-feira do dia 21 de abril de 1947, uma semana depois dos enforcamentos em Akko, havia rumores de que Feinstein e Barazani seriam em breve executados. Às 21:15, os oficiais britânicos chegaram à casa do rabino Yaakov Goldman, o rabino chefe da prisão, e pediram que os acompanhasse até a prisão central. Não forneceram maiores explicações, mas o rabino, obviamente, já suspeitava que Feinstein e Barazani estavam prestes a ser enforcados. O rabino Goldman foi levado à cela de morte e tratou de convencer os combatentes. Leu o "Vidui" (livro de confissões e pecados) e, a pedido de Feinstein, leu também o Adon Olam. Então, os homens condenados cantaram o Hatikva, e o rabino, ao lado do diretor da prisão, lembrou de voltar e estar com eles nos seus últimos momentos de vida.

Os jovens não revelaram seu segredo ao rabino, mas o avisaram para não retornar à execução. O rabino se mostrou inflexível, e, para evitar que ele ou outros se machucassem, os dois decidiram mudar o plano original e se sacrificaram antes da chegada do carrasco. Assim, meia hora depois da saída do rabino, foram escutadas duas explosões vindas da cela: Moshe e Meir foram encontrados abraçados e as granadas juntas, perto de seus corações. Feinstein acendeu um cigarro, e com ele incendiou o pavio que Moshe estava segurando. Morreram como heróis, juntos.

O LEGADO:

A história de Meir Feinstein e Moshe Barazani se tornou um famoso episódio na história do sionismo. Tanto por serem combatentes muito jovens que foram mortos por britânicos, quanto por seu grande ato final. De fato, é preciso muita coragem para tirar a própria vida por uma causa coletiva.

Esses dois jovens ganharam um reconhecimento tão grande, que Menachem Begin garantiu não apenas que ambos fossem enterrados no monte das Oliveiras, junto com outros mártires judeus, mas que ele próprio - Begin - fosse enterrado entre eles. Em suas lápides, foram esculpidos os símbolos de seus grupos. O símbolo do Etzel na de Feinstein, e o do Lechi na de Barazani. São atos como o desses jovens que nos mostram que nem mesmo o medo da morte é capaz de apagar a nossa trajetória, a nossa esperança e a nossa luta.



AVSHALOM
CHAVIV



MEIR NAKAR



YAAKOV
WEISS



QUEM FORAM:

AVSHALOM CHAVIV nasceu em Haifa, em junho de 1926. Mudou-se para Jerusalém quando pequeno, onde vivia com seus pais. Teve uma boa educação judaica e era bom aluno na escola. Quando começou o ensino médio, Chaviv passou a acompanhar mais a política, simpatizando cada vez mais com os ideais sionistas. Escrevia textos e redações sobre seu posicionamento acerca da presença britânica na Palestina e das conquistas recentes do movimento sionista.

Ao completar quinze anos, Avhsalom se juntou ao Irgun na expectativa de poder lutar pelo seu povo. Lá, recebeu o codinome "Eliezer" e operou no setor da propaganda do grupo. Contudo, o fato de ainda ser jovem e de não ter finalizado seus estudos fez com que o Irgun o dispensasse das atividades até que os concluísse. Com isso, decidiu tentar se alistar no Palmach (a unidade de elite da Haganá), para o qual entrou ao terminar o ensino médio. Vale ressaltar que sua entrada no grupo foi condicionada à continuação de seus estudos e ao ingresso em uma faculdade, pois a Agência Judaica obrigava todos os graduados judeus do ensino médio a passar um ano trabalhando em um kibutz ou servindo no Palmach.

Dessa forma, começou seu serviço atuando pelo Palmach, e lá participou de algumas operações. Em outubro, uniu-se ao Palmach em uma ação no campo de Atlit, onde imigrantes judeus ilegais ficavam detidos pelos britânicos. Essa operação consistia na libertação dos sobreviventes da Shoá detidos pelas autoridades britânicas. A missão foi cumprida e 208 judeus foram libertos, entre os quais estava Yaakov Weiss, que posteriormente se tornaria um grande amigo de Chaviv.

Passado um mês da operação em Atlit, Avshalom retornou ao Irgun e retomou seus estudos, cursando Literatura Hebraica, Filosofia e Economia na Universidade Hebraica de Jerusalém. No entanto, à medida que se envolvia mais na organização, decidiu enfim interromper seus estudos e se dedicar por completo à causa sionista.

MEIR NAKAR nasceu em Jerusalém, também em junho de 1926. Sua família era de origem iraquiana e vivia uma vida bem simples e ortodoxa. Foi criado por seus pais, e junto com seus seis irmãos, teve uma forte educação judaica. Quando completou doze anos, Nakar abandonou os estudos para ajudar sua família e, um ano depois, juntou-se ao Betar.

Aos quinze anos, Meir tentou se alistar no exército britânico, mas foi barrado por ser muito jovem. Dois anos depois, tentou novamente e dessa vez foi aceito, pois usou um documento falso em que apresentava ser alguns anos mais velho. Dentro do exército, foi designado a diversas unidades e serviu no Egito, no Chipre e na Grécia. Contudo, quanto mais tempo ficava no exército, mais percebia que o antissemitismo ainda estava presente em todo lugar. Essa percepção fez com que as visões sionistas que aprendeu no Betar finalmente se revelassem. Foi dispensado em 1946 e logo voltou para casa para ajudar seu pai na oficina de sapatos em que trabalhava. Ao mesmo tempo, a enorme vontade de lutar contra o antissemitismo que presenciou no exército o fez unir-se ao Irgun, no qual recebeu o codinome "Yehiam".

YAACOV WEISS nasceu em 1924, na antiga Tchecoslováquia. Vivia com seus pais e sua irmã, de origem húngara-judaica. Quando completou dez anos, foi mandado ao Ginásio Judaico de Munkács, na Ucrânia, onde estudou durante sua juventude. Passado algum tempo no país, começou a frequentar o Betar, desenvolvendo uma visão sionista e um forte senso de defesa do povo judeu. Conforme foi crescendo, Weiss se descobria cada vez mais sionista e se convenciu que queria dedicar sua vida ao seu povo.

Por volta de seus dezenove anos, a Segunda Guerra Mundial estava em seu ápice, com cada vez mais judeus sendo mandados para campos de concentração e extermínio. Nesse mesmo período, seu pai faleceu. Com uma mistura de sentimentos - raiva, tristeza e angústia -, Weiss viajou a Budapeste na expectativa de ir para a Palestina. Lá, frequentemente, conseguia se disfarçar de oficial da SS e, dessa forma, apreender vários documentos que utilizava para resgatar judeus de campos de concentração. Além disso, ele constantemente arriscava sua vida ao entrar em guetos para resgatar judeus através da apresentação de evidências falsas que comprovavam uma falsa "fé cristã". Apesar de tudo, Yaakov infelizmente jamais conseguiu documentos falsos para impedir que sua mãe e sua irmã fossem deportadas para Auschwitz. Sua mãe foi assassinada no local, e sua irmã milagrosamente sobreviveu.

Em 1944, conseguiu escapar de Budapeste e fugir para a Suíça, onde se estabeleceu provisoriamente. Estudou na Universidade de Geneve até 1945, quando encontrou uma oportunidade de finalmente imigrar para a Palestina. Conheceu um grupo de imigrantes judeus e juntou-se ao movimento de Aliá Bet (típica imigração ilegal judaica para a Palestina). No entanto, a embarcação de imigrantes foi interceptada pela Royal Navy, a marinha britânica, e todos naquela embarcação foram enviados ao campo de Atlit, onde ficaram detidos até outubro de 1945, quando o Palmach realizou uma operação para resgatá-los. Entre os soldados que libertaram Weiss, estava o jovem Avshalom Chaviv.



Após ser resgatado em Atlit, Weiss se dirigiu a Netanya, onde começou a trabalhar como auxiliar de joalheiro. Claramente, depois de tudo que enfrentou em sua vida, desde resgatar centenas de judeus dos nazistas até ficar detido em Atlit, Yaakov não se contentaria com um simples emprego de auxiliar de joalheiro. Por sua vontade de lutar pelo povo judeu, decidiu se juntar ao Irgun, dentro do qual recebeu o codinome "Shimon".

DENTRO DO IRGUN:

Conforme o tempo passava, nossos jovens participavam de diferentes operações pelo Irgun. Chaviv, ou Eliezer (como era conhecido na organização), participou de uma operação de resgate em uma prisão de combatentes em Jerusalém, em conjunto com o Lechi, além de ter sobrevivido inúmeras trocas de tiro com a polícia britânica. Nakar (ou Yehiam, como era conhecido), por sua vez, participou de um bombardeio no quartel policial de Goldschmidt, em Jerusalém. Já Weiss, ou Shimon, participou de um ataque armado a um resort militar britânico, além de sabotagens de pontes e linhas de trem.

Os três combatentes se tornaram grandes e respeitados combatentes do Irgun e, mais tarde, oficiais locais. E é assim - através de suas histórias - que chegamos a uma das principais e mais famosas operações do Irgun: a fuga da Prisão de Akko.

O ATAQUE À PRISÃO DE AKKO:

CONTEXTO:

Abril de 1947. O conflito entre os grupos paramilitares sionistas e a Coroa Britânica nunca havia estado tão intenso. O comando do Irgun estava furioso com o exército inglês, não apenas por fazer de seus combatentes prisioneiros em Akko, mas principalmente por ter condenado à morte vários deles ao longo dos últimos anos (os outros Olei HaGardom). O caso de Meir Feinstein e Moshe Barazani foi a gota d'água para o comando do Irgun. Por isso, decidiu realizar uma grande operação, com o objetivo de salvar seus

combatentes presos e, ao mesmo tempo, enfurecer os britânicos: um ataque à Prisão de Akko.

A organização então focou todos os seus esforços nessa operação. Juntou seus melhores combatentes - entre eles Chaviv, Nakar e Weiss - e começou a prepará-los para a grande missão. Escolheram o oficial Dov Cohen (também conhecido como "Shimshon") para ser o comandante da ação, que, em princípio, ocorreria no final de abril, mas foi adiada para o dia 4 do mês seguinte a fim de ser melhor planejada.

PLANO INICIAL:

O planejamento da operação estava finalizado. Investiu-se em carros, jipes, caminhões e roupas de civis, de modo que os combatentes que escapassem pudessem se disfarçar. Após estudarem a construção da fortaleza, encontraram uma falha de segurança nas paredes do lado sul da cidadela, do qual era possível ouvir o que se falava dentro da prisão. Assim, decidiram que seria por lá que entrariam no presídio. A ideia era instalar bombas e granadas na parte sul e, com a abertura gerada pela explosão, permitir que os combatentes entrassem nos corredores, libertando todos os prisioneiros. Sairiam por onde entraram, adentrando nos carros e caminhões que estariam esperando do lado de fora para que trocassem de roupa e parecessem civis. Após despistarem a segurança britânica do presídio, encontrar-se-iam no kibutz Dalia e partiriam para a cidade mais próxima, Binyamina.

A OPERAÇÃO:

A data era 4 de Maio de 1947. Tudo, até então, ocorria conforme o planejado. Pela manhã, os carros e caminhões que mais tarde seriam utilizados na fuga dos prisioneiros foram posicionados na ala sul da fortaleza. Alguns esquadrões foram montados para realizar o ataque. Chaviv era o líder do esquadrão responsável por instalar as minas e bombas no lado sul da prisão e, posteriormente, cobrir os prisioneiros que estivessem sendo alvo de tiros.

Dov Cohen se disfarçou de comandante britânico para entrar na prisão, avisar os prisioneiros do ataque e pedir para que se preparassem e espalhassem a notícia.

Às três da tarde, o ataque foi iniciado. Os explosivos foram ativados e todas as paredes da ala sul do presídio foram destruídas. Com a ajuda de alguns prisioneiros, Dov Cohen conseguiu atrasar os britânicos de dentro da fortaleza, dando uma grande vantagem no desenrolar da missão. Dos quase cem prisioneiros do Irgun e do Lechi, mais da metade conseguiu escapar, já que muitos se sacrificaram ao enfrentar os britânicos dentro da prisão. Dov Cohen foi baleado durante a missão e morreu antes que ela terminasse.

Conforme os prisioneiros foram escapando, os carros e caminhões que os esperavam foram partindo, fugindo com sucesso da região. No entanto, muitos soldados da cidade de Akko foram avisados durante o ataque e, quando os heróis do Irgun menos esperavam, encontraram bloqueadas diversas estradas da cidade. O primeiro caminhão com prisioneiros foi interceptado na saída sul. O motorista do caminhão alertou Nissim Levy - o segundo no comando da operação - de que a cidade estava praticamente cercada.

RESULTADOS:

Com essa notícia, Nissim Levy e Zalman Lifshitz alertaram todos os esquadrões para baterem em retirada, e assim o fizeram. Os combatentes apressaram a fuga dos prisioneiros, entraram rapidamente nos caminhões e deram partida.

No entanto, devido a uma falha na comunicação entre os esquadrões, o grupo liderado por Chaviv não foi avisado para voltar aos caminhões. Desse modo, Chaviv, Nakar e Weiss não retornaram aos veículos, dando continuidade na troca de tiros até estarem completamente cercados pela guarda britânica. Os três jovens foram rendidos e presos, mas recusaram-se a dar qualquer informação às autoridades. Sequer falaram seus nomes e a que grupo pertenciam.

Junto deles estavam Amnon Michaelov e Nahman Zitterbaum, que também se recusaram a responder às autoridades.

Enquanto isso, todos os prisioneiros e combatentes que fugiam de Akko nos caminhões foram cercados pelo exército inglês, com exceção de um dos grupos, que chegou ao kibutz e lá esperou escondido até que fosse seguro sair.

TRIBUNAL E SENTENÇAS:

Ao contrário do que ocorreu com os outros Olei HaGardom, o julgamento de Avshalom Chaviv, Meir Nakar e Yaacov Weiss não foi nada breve. Depois do que houve com Dov Gruner, Dresner, Alkachi, Kashani, Feinstein e Barazani, o Irgun não deixaria que os britânicos levassem mais três excelentes combatentes e, acima de tudo, três vidas judias. Dessa forma, o alto comando do Irgun esgotou seus recursos nesse tribunal, na tentativa de salvar a vida dos três oficiais, além de outros dois soldados que também respondiam ao julgamento. Testemunhas foram ouvidas, petições assinadas, discussões tomaram conta da audiência, que contava com a presença de importantes líderes do Irgun.

OS DEPOIMENTOS:

O tribunal levou três semanas para chegar a uma conclusão. Antes do veredito ser revelado, alguns dos jovens também depuseram. O primeiro deles foi Chaviv, que comparou a resistência dos grupos paramilitares judaicos à Revolução Americana nos Estados Unidos e à revolta irlandesa contra a Inglaterra:

“(...) Quando o underground irlandês pegou em armas contra vocês, vocês tentaram afogar a revolta contra a tirania em rios de sangue. Vocês construíram forcas, mataram pessoas nas ruas e baniram alguns para terras distantes. Você pensou, em sua grande loucura, que pela força da perseguição, você poderia quebrar o

espírito de resistência dos irlandeses livres, mas vocês estavam errados... Vocês erraram naquela ocasião assim como erram hoje. Esses judeus que vocês julgaram ser covardes e que foram vítimas de massacres por gerações, hoje se levantaram contra o seu domínio e estão lutando contra seus exércitos, e acreditem ou não, estão ganhando.(...)"

Em seguida, Yaacov Weiss também deu seu depoimento, o qual foi um grande ataque pessoal a todos os antissionistas e opressores do povo judeu, o que - obviamente - incluía os britânicos:

"Sua presença aqui, contra a qual todos protestam, é ilegal. Esta terra é nossa desde tempos imemoriais e para todo o sempre. O que vocês, oficiais britânicos, têm a ver com nossos terra natal? Quem os nomeou governantes dessa antiga nação amante da liberdade? Nós desprezamos suas ameaças de assassinato. Conhecemos o resultado dessa luta e é por isso que estamos calmos e até felizes - sabendo que estamos entre aqueles que estão trazendo diretamente a satisfação de alcançar a liberdade de nosso povo."

VEREDITO E SENTENÇAS:

Após os depoimentos, apesar de demonstrarem certa dúvida, o júri declarou o veredito: culpados. Os militares não cederam ao enorme esforço do Irgun - que teve seus recursos esgotados.

No dia 16 de junho, a sentença dos cinco jovens foi anunciada: Michaelov e Zitterbaum, por terem apenas 17 anos, não podiam receber pena de morte e, portanto, foram sentenciados a cumprir a pena de encarceramento na prisão em Akko. Já nossos três oficiais do Irgun (Chaviv, Nakar e Weiss), receberam a pena de morte, e - ironicamente - lhes foi sentenciado que aguardariam pela sua execução na própria Prisão de Akko.

Nesse exato momento, antes que o juiz pudesse finalizar sua fala, os três betarím se puseram de pé e começaram a cantar o Hatikva.

A sentença revoltou o Etzel de forma absoluta. O alto comando do Irgun Tzvaí Leumi estava mais indignado do que nunca com os britânicos. Todos os seus esforços para salvar os jovens havia sido em vão, e eles não poderiam evitar que o destino de três dos seus melhores combatentes fosse o mesmo dos outros jovens: a força. Assim, o Irgun emitiu um comunicado diretamente ao governo britânico, no qual avisava que o enforcamento dos três jovens traria consequências sérias aos ingleses. Naturalmente, foram ignorados.

DE VOLTA À AKKO:

Os cinco combatentes nada mais disseram ao sair da audiência e foram imediatamente enviados a Akko. Chegando na fortaleza, foram recebidos pelos prisioneiros que não conseguiram escapar ao som de aplausos. Os heróis, diante da morte, eram ovacionados. Enquanto os outros dois soldados foram colocados no pavilhão central, Chaviv, Nakar e Weiss foram encaminhados para o corredor da morte, onde aguardaram pelo dia de sua execução.

Apesar de todas as ameaças do alto comando do Irgun, a sentença dos três oficiais foi confirmada no dia 8 de Julho de 1947, o que os frustrou. Dias antes da execução, a organização entrou em contato com os jovens e lhes disse que estavam pensando na possibilidade de organizar uma pequena equipe de resgate para salvá-los de sua sentença. No entanto, os jovens responderam que não havia necessidade, pois já haviam cumprido sua missão final.

Apesar da humilde resposta dos jovens, o Irgun se recusou a aceitar a sentença dada. Enviou outro comunicado ao exército britânico, no qual afirmava que sequestraria oficiais ingleses se necessário, para que seus combatentes fossem libertos. Novamente, foram ignorados. No entanto, o grupo cumpriu com sua palavra e, alguns dias após a emissão do segundo comunicado, sequestrou Clifford Martin e Mervyn Paicedois, dois sar-

gentos britânicos que saíam de um café em Netanya. Comunicaram então o exército inglês de que os enforcariam caso os três jovens não fossem soltos. Novamente, não obtiveram resposta.

A EXECUÇÃO:

Enquanto isso, nossos três combatentes aguardavam pacientemente pelo dia de sua execução. Encontravam-se calmos em suas celas, esperando dia da execução. Ao fim da tarde do dia 28 de julho, foi solicitado aos três jovens que se preparassem para a execução. Eles então se puseram de pé e afirmaram que estavam prontos desde o dia em que foram detidos. Juntos, caminharam à forca.

Durante a noite, os três esperaram em uma cela perto do cadafalso (altar de execução), cantarolando músicas que costumavam cantar durante suas vidas e durante suas atividades no Irgun. Entre elas, as que mais cantaram foram duas: o Hatikva e, é claro, o Shir Betar.

Por volta das duas da manhã do dia 29 de Julho, Nissin Ohana, um rabino conhecido pelo trio, chegou à fortaleza de Akko para acompanhar os jovens em suas horas finais. Ele passou algum tempo conversando com os jovens. Sua intenção era encorajá-los, a fim de que morressem sem temor. Contudo, quando o rabino iniciou a conversa, ele mais foi consolado do que consolou. Escreveu em um diário as seguintes palavras:

“Eles não demonstraram sinais de medo ou choque. Foram muito corajosos... Fiquei com eles cerca de uma hora e, quando saí, eles me pediram para enviar suas saudações ao Yishuv, e expressaram seu desejo de redenção ao povo judeu. Eu lhes respondi: sejam abençoados, heróis da nação.”

Assim que o rabino se retirou, a execução dos jovens começou. Às quatro da manhã, Chaviv foi chamado para a forca. Se levantou e começou a entoar o Hatikva alto como nunca.

Os prisioneiros foram acordados com a voz de três jovens cantando o Hatikva e, imediatamente, se juntaram ao coro. Cantaram algumas vezes e logo pararam. Novamente, ouvia-se apenas três vozes cantando o Hatikva. Passados alguns minutos, uma das vozes se calou. Avshalom Chaviv não cantava mais, e só se ouvia as vozes de Nakar e Weiss. Passado um tempo, a cantoria de Meir Nakar também cessou, restando apenas a forte e incessante voz de Yaacov Weiss. Cantava cada vez mais alto, até que, subitamente, também parou de cantar, e um silêncio ensurdecedor tomou conta da prisão. Eliezer, Yehiam e Shimon foram enforcados e jamais cantariam o Hatikva outra vez. No entanto, suas vozes de esperança seguiram ecoando na história para toda a eternidade. E, por isso, lembramos deles até hoje.

AS CONSEQUÊNCIAS:

A prisão acordou na manhã seguinte sabendo que os três jovens mandados à força já não viviam mais. Suas mortes foram anunciadas pelo exército inglês, o que novamente deixou o Irgun furioso. Enquanto Chaviv, Nakar e Weiss aguardavam no corredor da morte, outra operação ocorria na tentativa de salvá-los. A organização havia sequestrado os dois sargentos britânicos e pretendia enforcá-los caso os três oficiais não fossem liberados. Os dias foram passando, e, como dito anteriormente, os britânicos jamais responderam.

O sequestro dos sargentos surpreendeu tanto os britânicos quanto os demais grupos paramilitares porque ambos acreditavam que se tratava apenas de um blefe do Irgun. No dia em que os sargentos foram raptados, o governo do Yishuv estabeleceu um toque de recolher em Netanya e em outras cidades próximas, como Tel Aviv. Quem desrespeitasse seria preso imediatamente. Além disso, a própria Haganá resolveu ajudar os britânicos na busca pelos sargentos, o que deixou o comando do Irgun revoltado.

Os dias foram passando, e, enquanto os britânicos se mantinham em silêncio, os dois sargentos encontravam-se em um bunker cavado abaixo de uma fábrica de diamantes, na periferia da cidade, com comida e oxigênio para um período

grande de tempo.

Chegou então o dia 29 de Julho, o dia em que os combatentes seriam enforcados. Apesar de todas os comunicados, ameaças, cartas e pedidos do Irgun, os britânicos executaram Chaviv, Nakar e Weiss. É importante reparar que a decisão de proceder com as sentenças foi tomada em uma reunião especial do Conselho de Ministros, em Londres. Os mais altos generais e líderes do exército real tomaram a decisão, mesmo sabendo que seus dois sargentos morreriam caso os enforcamentos acontecessem. Isso demonstra que não é toda nação que se importa tanto com seus cidadãos e soldados como a nação judaica.

Quando a notícia de que os três combatentes do Irgun foram mortos em Akko durante a madrugada foi anunciada, o Irgun cumpriu com sua palavra. Os britânicos não lhes deram outra alternativa. No dia 30 de Julho, os dois sargentos britânicos foram encontrados enforcados em um bosque perto de Netanya. O Etzel acreditava que essa ação faria com que os britânicos acabassem com a onda de execuções impostas por eles. Estavam certos. Esse episódio ficou conhecido como o caso dos sargentos ou "The Sergeants Affair", e nenhum outro judeu foi condenado por eles à morte depois disso.

O enforcamento dos sargentos não comoveu somente as autoridades reais, mas todos. A imprensa criticou e reprovou a decisão tomada pela Coroa Inglesa e declarou que o governo deveria repensar suas atitudes pelo bem de uma futura nação naquelas terras. Begin escreveu em seu livro "A Revolta" que esse "ato cruel" foi um dos acontecimentos que favoreceu a futura retirada britânica das terras do povo judeu. Archer Casset, um coronel britânico, considerado um dos altos funcionários do Mandato Britânico para a Palestina, disse, em uma conferência em 1949, que "o enforcamento dos sargentos britânicos fez mais do que qualquer outra coisa para que nos retirássemos da Palestina".

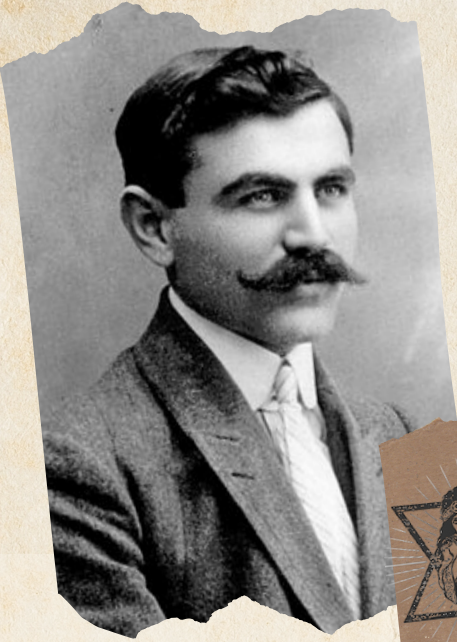
É por essa e outras histórias que repetimos com convicção que se não fosse o Irgun e o Lechi, o Estado de Israel poderia não existir.

OS NOVOS OLEI HAGARDOM

Como previamente explicado, os Olei HaGardom são um grupo de doze jovens que lutaram em organizações paramilitares clandestinas durante o Mandato Britânico e foram sentenciados à força. Dessa forma, é possível descrevê-los como "jovens judeus que lutaram em resistências armadas pela liberdade do povo judeu nas terras onde hoje se encontra o Estado de Israel, contra a nação que ocupava este território". No entanto, quando descritos assim, não se pode mais dizer que foram apenas os doze olim "antigos" que já conhecemos. Por isso, cabe-nos enaltecer outros quatro guerreiros que - em outras épocas - também deram suas vidas pela defesa da existência de Medinat Israel e no combate àqueles que dominavam a região. Estes são os Novos Olei HaGardom.

Quando Menachem Begin assumiu o cargo de primeiro ministro de Israel, em 1977, ele deu um grande valor à história dos Olei HaGardom, que até então eram tratados como simples guerrilheiros. Begin, além de enfatizar o episódio de Dov Gruner e garantir que Feinsein e Barazani fossem enterrados no Monte das Oliveiras, introduziu quatro novos nomes ao grupo dos guerreiros enforcados: os chamados "Novos Olei HaGardom".

Trata-se de quatro judeus que participaram de outras organizações armadas e lutaram contra a tentativa de dominação estrangeira. Dois deles lutaram pelo grupo Nili (Netzah Israel Lo Ishaker) contra o Império Turco-Otomano, que dominou toda a região da Palestina até 1920. O terceiro foi um policial durante o próprio Mandato Britânico; e o último atuou no famoso Mossad (LeModin U'LeTafkidim Meiuchadim), a Agência Secreta de Inteligência de Israel. São eles: Naaman Belkind (Nili), Yosef Lishansky (Nili), Mordechai Schwartz (policial durante o Mandato Britânico) e Eli Cohen (Mossad).



NAAMAN BELKIND

NAAMAN BELKIND foi um membro do famoso grupo Nili (Netzah Israel Lo Ishaker) e atuou como espião de campo pela organização. Nasceu em Guedera, em 1889. Cresceu junto de seus pais e de seu irmão, Eytan Belkind. Aos 25 anos, juntou-se ao Nili, ao lado de seu primo, Avshalom Feinberg, e seu irmão, Eytan.

Uma vez dentro da organização, os três jovens começaram a fazer parte das mais diversas operações, evoluindo rapidamente. Menos de um ano depois, os dois irmãos Belkind já eram considerados dois membros respeitados na organização, e Feinberg havia se tornado um dos líderes do grupo. Os três participaram de várias operações na Palestina, até que, em 1917, Feinberg foi enviado ao Egito para contatar forças navais britânicas. Logo, tornou-se um dos representantes do Nili na região. Feinberg retornou ao Egito poucas semanas depois, acompanhado de um colega, desta vez a pé. Ficaram poucos dias no país, e logo partiram de volta. No entanto, durante vários dias, não se tiveram mais notícias de ambos, o que deixou Naaman extremamente preocupado. Duas semanas depois, Feinberg foi misteriosamente encontrado morto perto do Sinai, aparentemente assassinado por beduínos, e seu colega chegou a Be'er Sheva sozinho e ferido.



A morte de Feinberg impactou muito Naaman, de modo que ele partiu sozinho ao vilarejo beduíno onde seu primo foi encontrado. Ao chegar lá, uma armadilha havia sido preparada para qualquer membro do Nili que chegasse ao local perguntando por Feinberg, e, dessa forma, Belkind foi capturado e entregue aos turcos. Pouco tempo depois de sua captura, alguns outros líderes do Nili também foram capturados pelos turcos, incluindo seu irmão. Depois desse episódio, as atividades do Nili foram forçadas a cessar. Naaman foi acusado de espionagem e sentenciado a morte em Damasco. Poucos dias após o julgamento, Belkind foi enforcado em Damasco.



YOSEF LISHANSKY

YOSEF LISHANSKY foi um dos mais respeitados líderes do Nili, coordenador de todas as operações no Egito. Lishansky nasceu em 1890, em Kiev, que, naquela época, pertencia ao extinto Império Russo. Vivia com sua família em um vilarejo, mas, por volta de 1893/1894, Yosef e seu pai fugiram do czar, rumo à Palestina. Ao chegar, ambos se estabeleceram na casa de seu irmão mais velho, em Metula. Alguns meses depois de se instalarem, seu pai foi a Jerusalém e nunca mais deu notícias, tornando seu irmão, Israel, sua única família.

Após mais alguns meses vivendo com seu irmão, Lishansky resolveu partir para uma vila no Egito, onde tinha conhecidos. Chegando lá, decidiu ficar por dois anos. Em 1910, retornou à Palestina, onde casou e teve dois filhos. Ao se estabilizar financeiramente, decidiu se juntar ao grupo HaShomer (atenção: não confundir com a tnuá HaShomer HaTzair), mas foi recusado pela diretoria da organização, devido a sua política de não aceitar membros com laços fortes com árabes. Apesar de Yosef ter passado apenas dois anos no Egito, foi recusado. Posteriormente, essa decisão da diretoria do HaShomer foi desmascarada: era, na realidade, uma simples desculpa para não aceitar Lishansky no movimento, apenas pelo fato de ser bem familiarizado com o uso de armas, com a montaria a cavalo e, principalmente, por saber falar árabe. Israel Shochat, líder do HaShomer, escreveu mais tarde que Lishansky foi negado por conta de suas “discordâncias ideológicas”.

Dessa forma, em protesto à organização que lhe rejeitou, Lishansky decidiu criar uma organização rival ao HaShomer, chamada HaMaguen, ou "o Escudo", à qual todos os outros rejeitados do HaShomer também se juntaram. No entanto, apenas dois anos depois, o grupo já havia sido dissolvido. Isso aconteceu porque, em dezembro de 1915, Lishansky e seus colegas combatentes se alistaram no Nili, exatamente na mesma época em que Feinberg foi detido em Beer Sheva por espionagem (dois anos antes de sua morte).

Ao entrar no Nili, Lishansky logo recebeu sua primeira operação: enviar e trazer informações de Feinberg em Be'er Sheva até o centro de comando da organização em Atlit. Recebeu inúmeras missões ao longo do tempo e acabou fazendo amizade com Feinberg e Belkind, com quem participou em várias missões. Em 1917, tanto Lishansky quanto Feinberg assumiram cargos altos na diretoria do Nili. Com isso, foram mandados ao Egito para contatar forças navais britânicas, e, junto de Feinberg, Yosef se tornou um dos representantes da organização espia no país.

Neste ponto, você provavelmente já entendeu o que aconteceu: semanas após retornarem à Palestina, ambos foram enviados novamente ao Egito, desta vez a pé. Passados poucos dias, ao cruzarem uma vila beduína próxima do Sinai, Feinberg foi morto, e Lishansky gravemente ferido. Este chega a Be'er Sheva, muitos dias depois, e informa o Nili da morte de Feinberg. Ao chegar, é imediatamente enviado a um hospital, durante alguns dias, para se recuperar.

Já curado, Lishansky deixa seus superiores pasmos ao contar todo o ocorrido. A morte de Feinberg, que assumiram ter sido causada pelos beduínos, na verdade, foi provocada por soldados otomanos, que, ao suspeitarem que se tratava de terroristas, abriram fogo contra Feinberg e Lishansky. Com a troca de tiros, Feinberg foi morto e Lishansky ferido gravemente, deixado para morrer no deserto de Neguev pelos soldados. A verdade foi revelada, mas já era muito tarde. Os oficiais do Nili perceberam, assim, que se os otomanos sabiam que eles eram espiões, preparariam uma armadilha na

vila beduína para atrapar o membro da organização que viesse investigar o paradeiro de seu membro. Os oficiais estavam certos, e a armadilha otomana estava armada para pegar a presa. Foi exatamente o que aconteceu. Um membro do Nili foi enviado para a vila beduína para investigar o caso. A ratoeira foi acionada, e Naaman Belkind foi o azarado rato que a ativou. Belkind foi capturado e detido em Damasco, e uma operação foi montada para resgatá-lo, organizada pelo próprio Lishansky. A operação, porém, não foi bem sucedida, e Lishansky foi preso junto a Belkind.

Por sorte, Lishansky novamente conseguiu escapar com vida das forças otomanas, buscando refúgio na casa de seus ex-colegas do HaShomer, que, apesar de o ajudarem em seus ferimentos e fome, recusaram-se a hospedá-lo por mais de dois dias, já que havia sido anunciada uma recompensa por sua cabeça pela (injusta) acusação de ser o responsável pelo assassinato de Feinberg. Fugiu então para um vilarejo perto de Jerusalém, mas foi reconhecido pela população e recapturado. Após responder a um breve tribunal, Lishansky foi condenado à morte e levado a Damasco, onde se reencontrou com Belkind.

Dias depois, Naaman Belkind e Yosef Lishansky foram enforcados em praça pública, na capital síria. Por muito tempo, a imagem de Lishansky se manteve deturpada pelo governo turco otomano e, posteriormente, pelo governo britânico, que se referiam a ele como o assassino de Feinberg, o que hoje sabemos ser mentira.

Em 1977, por ordens diretas do novo primeiro-ministro Menachem Begin, seus restos mortais foram transferidos para o cemitério dos heróis, no Har Herzl, ao lado de seu seu companheiro Feinberg.



MORDECHAI SCHAWARCZ

MORDECHAI SCHWARTZ ficou muito conhecido por sua coragem, já que ser um policial judeu durante o Mandato Britânico da Palestina definitivamente não era uma tarefa nada fácil. Dentre todos os novos Olei HaGardom, ele é o que chega mais perto do grupo original, já que operou na mesma época dos outros doze.

Schwartz nasceu no antigo Império Austro-Húngaro, em 1914. É o mais novo de catorze irmãos e, ao ter completado seus vinte anos de idade, partiu sozinho para a Palestina, onde logo começou a trabalhar no corpo de polícia do Mandato Britânico. Pelo fato de ser judeu, Schwartz fez o mesmo que todos os outros policiais judeus do Mandato fizeram: alistou-se tanto na polícia quanto na Haganá.

Desde sua entrada no corpo de polícia, em 1933, focava muito mais em suas atividades na Haganá do que nas da polícia em si. Sempre que podia, passava informações de dentro da força britânica para a Haganá, como um agente duplo. Em 1935, foi enviado a Atlit, onde lhe foi designado um posto no grande campo de detenção (o mesmo em que Dov Gruner e outros olei ficaram detidos).

Seu posto ficava perto de uma das principais entradas do campo, de modo que muitas das mensagens deixadas e enviadas de Atlit eram escutadas por Schwartz e repassadas à Haganá. Até esse momento, tudo corria bem: seu disfarce estava bem guardado, e sua ajuda para Haganá era realizada da melhor forma possível. Todavia, essa realidade não durou muito.

Por ser o único judeu entre os muitos policiais de Atlit, Schwartz era constantemente alvo de ataques antissemitas. Era frequentemente humilhado por seus colegas, que faziam de tudo para que ele sentisse vergonha de pertencer a seu povo. Naturalmente, ele não se deixou abalar, e os ataques apenas o deixaram mais forte. Mordechai entendia que não havia muito que pudesse ser feito, já que não podia chamar muita atenção para não estragar seu disfarce.

Os dias em Atlit foram passando, e os ataques continuavam. Dia 1º de setembro foi a gota d'água para Schwartz. Mustafa Khoury, o colega de tenda de Schwartz (quem não sentia nenhum prazer em conhecer), diariamente insultava o povo judeu e o humilhava diante de todos. Ambos já tinham se enfrentado diversas vezes em pequenas brigas, dado as constantes provocações do policial árabe. No entanto, na primeira noite de setembro de 1935, Mustafa chegou bêbado à tenda de Mordechai, afirmando que acabara de estuprar e matar uma jovem judia e que ele seria o próximo. Schwartz já suspeitava de seu histórico de abusador e, ao ouvir a ameaça de seu colega embriagado, não pensou duas vezes: disparou três vezes, matando Mustafa imediatamente.

Schwartz não tinha defesa. Eram todos os policiais contra o judeu. Foi então enviado a um tribunal e sentenciado à pena de morte em Akko.



ELI COHEN



Dentre todos os novos Olei HaGardom, sem dúvidas ELI COHEN é o mais conhecido. Foi um brilhante espião do Mossad que se infiltrou no governo sírio e que passava informações confidenciais do mais alto escalão para Israel. O último novo olei é considerado um dos maiores heróis da história moderna de nossa Medinat e fecha com chave de ouro esse capítulo da história israelense.

Eliahu Ben-Shaul Cohen, ou Eli Cohen, nasceu na cidade de Alexandria, em 1924. Desde pequeno, teve uma forte educação judaica e sionista, dada, principalmente, por seu pai, que fugiu de Alepo em 1914. Em 1947, tentou entrar para o exército egípcio como uma alternativa aos tributos que os judeus eram obrigados a pagar no país, mas foi rejeitado pelas forças armadas por sua "lealdade questionável". Simultaneamente, Eli passou a cursar engenharia eletrônica numa universidade egípcia. Dois anos depois, toda sua família resolveu emigrar para o recém-formado Estado de Israel, mas Eli decidiu ficar no Egito e acabar seus estudos.

Desde 1947, participava de um grupo sionista que lutava contra casos antisemitas no Egito e logo entrou em contato com alguns agentes do Mossad, que demonstraram grande interesse nas atividades que vinha realizando. Dessa forma, Eli participou de algumas operações pelo Mossad como observador enquanto, ao mesmo tempo, administrava suas atividades sionistas em Cairo.

No entanto, em 1951, Eli foi descoberto como líder de sua organização sionista e, por isso, foi exilado do Egito. Daqui em diante, passou a viver em Haifa.

Como medida de segurança, o Mossad não podia manter um exilado em estado de observação como membro e, por esse motivo, afastou Eli de suas atividades. Naturalmente, o afastamento o frustrou, mas, apesar de todos os empecilhos do mundo, não desistiu de lutar por Israel. Em menos de um ano, alistou-se no Tzahal (Tzavá Haganá LeIsrael, as Forças de Defesa de Israel), onde foi designado para o setor de inteligência. Durante seus dois anos de serviço, tentou retornar ao Mossad, mas não obteve sucesso imediatamente. Um ano depois, no entanto, finalmente foi aceito e treinado pelo serviço de inteligência secreto israelense.

Com o passar dos anos, Eli foi ganhando experiência dentro do organização, até que, em 1961, foi enviado a Buenos Aires, onde se infiltraria na comunidade árabe local para conseguir informações relevantes sobre políticos e importantes líderes sírios. Seguindo sua missão, seu novo nome seria Kamel Thaabet, um empresário de origem árabe. Seu grande objetivo seria se aproximar de Amin al-Hafiz - o cônsul-geral da Síria na Argentina - a fim de juntos partirem para Damasco (onde viveria seus próximos anos como infiltrado no governo, passando informações de dentro do país ao Mossad). Eli chegou a Damasco em 1962 e, por ter se aproximado de Hafiz (um político muito influente), logo conseguiu se estabelecer no próprio quartel general sírio, de onde fazia relatórios quase diários ao Mossad. Por conviver intensamente com os oficiais dentro do QG, Kamel não perdeu tempo e tratou de se aproximar do mais alto escalão. Conseguia se disfarçar muito bem e aproveitava os inúmeros convites a festas e jantares para obter informações (fingindo estar alcoolizado).

Com o passar do tempo, Thaabet foi ganhando tanta importância dentro do governo, que foi capaz de ajudar seu amigo Hafiz a assumir o poder do país através de um golpe militar.

Muito da estratégica vitória israelense sobre os sírios em 1967 é atribuída às informações recebidas do espião. Eli se infiltrou tão bem que, dado certo ponto, lhe foi oferecido o cargo de Ministro da Defesa. Contudo, por conta da suspeita do chefe de segurança do governo, Ahmed Suidani, de que Thaabet escondia algo, isso não foi possível. Suidani decidiu então observá-lo de perto e acabou flagrando o espião no meio de uma transmissão de informações ao Mossad em 1965.

A descoberta da verdadeira identidade de Kamel Thaabet fez com que o nosso espião fosse preso e torturado pelos oficiais sírios enquanto aguardava por seu julgamento. Foi julgado por um tribunal militar, em que não teve sequer direito a um advogado de defesa, sendo condenado à pena de morte por enforcamento. A sentença de Eli Cohen repercutiu de tal maneira ao redor do mundo que Golda Meir - então premiê israelense - insistiu para que ele fosse julgado em solo sabra. Houve também esforços (fracassados) de governos estrangeiros para que a Síria revertesse o veredito e até mesmo uma tentativa do Mossad de montar uma operação de resgate.

Assim, foi então enforcado em praça pública, no dia 18 de Maio de 1965. Como se já não bastasse impedir que retornasse a Israel com vida, o governo sírio impediu também que o corpo do falecido retornasse a sua família. Eli foi enterrado em solo estrangeiro e seus restos mortais jamais foram encontrados.

Hoje, Eli Cohen é considerado um grande herói em Israel, homenageado com ruas e monumentos em seu nome. Diversos filmes e minisséries foram produzidos contando sua incrível história. Nesse sentido, não se pode deixar de citar a série de sucesso global "O Espião", produzida pela Netflix, em 2019. O governo sírio, que optou por não devolver seu corpo para que sua memória fosse esquecida, mal sabia da tamanha repercussão que ela teria no futuro. Jovens no Brasil e no mundo todo, em pleno século XXI, relembram sua trajetória, transmitindo sua herança e preservando seu legado de bravura e amor pela pátria.

CONCLUSÃO



Depois de todas as histórias contadas e todas as operações aqui relatadas, é impossível não reconhecer a importância que esses grupos têm para o atual Estado de Israel. No começo desta choveret, foi dito que os Olei HaGardom foram jovens que morreram lutando pela criação do Estado Judeu. Contudo, essas histórias nos mostram muito mais do que mártires ou bravos guerreiros que lutavam pela causa sionista, elas nos revelam heróis que viveram, lutaram e morreram no intuito de alcançar algo muito maior do que um Estado: a liberdade.

Além de grandes e corajosos combatentes do Etzel e do Lechi, esses jovens eram verdadeiros betarím. Apesar de nem todos terem participado do Betar em sua juventude, eles demonstraram todas as características que um betarí deve apresentar. Em nenhum momento, nossos jovens demonstraram medo ou desespero. Até mesmo em seus últimos instantes de vida, exaltaram seu espírito betarí, transbordando Hadar em suas falas e ações. Alguns morreram cantando o Hatikva e o Shir Betar, outros uniram-se ao Irgun para defender o povo judeu e houve ainda aqueles que se mobilizaram e migraram para a nossa terra, demonstrando, assim, Tagar desde o momento em que nasceram até o dia de suas mortes.

Quando falamos dos Olei HaGardom, sempre nos referimos a eles como um grupo de jovens que entraram para o Irgun ou para o Lechi e que foram sentenciados à morte e esquecemos que cada um deles teve histórias de vida diferentes, com realidades distintas e convicções próprias.

É claro que lutavam por um objetivo em comum, afinal, faziam parte das mesmas organizações. No entanto, são histórias e batalhas de vida singulares, que inúmeras vezes são resumidas e simplificadas a "lutavam pelo Estado Judeu". De fato, lutavam pelo povo, mas, de forma alguma, seus atos podem ser unificados e resumidos como uma única coisa.

A história de como o Chakim e Bet-Tzuri foram detidos é completamente diferente do episódio da estação de trem de Barazani e Feinstein, por exemplo. São narrativas diferentes, operações diferentes, e acima de tudo, vidas diferentes.

Cada um dos doze "olim" tem uma trajetória diferente. Não apenas os que viveram em épocas distintas e participaram de operações particulares, mas os que atuaram juntos também. Chaviv e Nakar, por exemplo, participaram da mesma operação e até mesmo morreram juntos, mas nem por isso suas trajetórias podem ser resumidas a uma só. Chaviv vinha de uma família rica e dedicou toda sua juventude aos estudos, enquanto Nakar tinha uma origem muito simples, tendo que começar a trabalhar quando criança para ajudar sua família. E mesmo assim participaram juntos das mesmas missões.

Poderíamos ficar - durante infinitas páginas - apresentando semelhanças e diferenças nas histórias de cada um desses heróis, mas não há necessidade. A própria choveret já fez essa função. O intuito desse material não é apenas contar o desenrolar de algumas operações clandestinas, mas é também conscientizar que, apesar de muitas vezes estarem juntos, cada um deles fez um sacrifício único e particular e que cada um desses sacrifícios, por sua vez, simboliza um indivíduo diferente que morria. Cada um deles foi um herói que nos deixou cedo demais. Não é à toa que essas histórias são conhecidas pelos betarím como "páginas de heroísmo" e que nos inspiramos, ainda hoje, diariamente, em seus reflexos e legados.

Tel Chai.

Raphael Harari
Rosh Chinuch Maoz Menachem Begin
São Paulo/Brasil - junho de 2020

BIBLIOGRAFIA



SHLOMO BEN YOSEF:

- <http://www.daat.ac.il/EPUB/books/irgun.pdf> (p.131-132)

ELIAHU BET-TZURI E ELIAHU CHAKIM:

- <http://www.daat.ac.il/EPUB/books/irgun.pdf> (p. 65-66)
- shorturl.at/bvw45 (p. 266)

DOV GRUNER:

- <http://www.daat.ac.il/EPUB/books/irgun.pdf> (p.135-139)
- <http://www.5tjt.com/the-right-view-the-story-of-dov-gruner/>
- https://en.wikipedia.org/wiki/Dov_Gruner

ELIEZER KASHANI, MORDECHAI ALKACHI E YEHIEL DRESNER:

- <http://www.daat.ac.il/EPUB/books/irgun.pdf> (p.139-146)
- https://en.wikipedia.org/wiki/Eliezer_Kashani
- https://en.wikipedia.org/wiki/Mordechai_Alkahi
- https://en.wikipedia.org/wiki/Yehiel_Dresner

MEIR FEINSTEIN E MOSHE BARAZANI:

- <http://www.daat.ac.il/EPUB/books/irgun.pdf>
- <https://www.jewishvirtuallibrary.org/timeline-for-the-history-of-judaism>
- https://en.wikipedia.org/wiki/Meir_Feinstein
- https://en.wikipedia.org/wiki/Moshe_Barazani

AVSHALOM CHAVIV, MEIR NAKAR E YAAKOV WEISS:

- <http://www.daat.ac.il/EPUB/books/irgun.pdf>
- https://en.wikipedia.org/wiki/Avshalom_Haviv
- https://en.wikipedia.org/wiki/Meir_Nakar
- https://en.wikipedia.org/wiki/Yaakov_Weiss
- https://en.wikipedia.org/wiki/Acre_Prison_break
- https://en.wikipedia.org/wiki/The_Sergeants_affair

OS NOVOS OLEI HAGARDOM:

- <https://www.jewishvirtuallibrary.org/naaman-belkind>
- https://en.wikipedia.org/wiki/Avshalom_Feinberg
- https://en.wikipedia.org/wiki/Yosef_Lishansky
- https://en.wikipedia.org/wiki/Mordechai_Schwarcz
- Minissérie O Espião ("The Spy", Netflix, 2019)



BETAR BRASIL

בית"ר ברזיל